

PARADOXO ACINTOSO

Imagine um Governo que carrega uma dívida bruta de R\$3.789 bilhões, sobre a qual pesam juros de cerca de R\$511 bilhões e, ao mesmo tempo, possui reservas cambiais de US\$370 bilhões e uma disponibilidade em depósitos no Banco Central de mais de R\$900 bilhões. Não dá para entender: o Governo vendendo títulos no mercado, principalmente para os bancos, e colocando os recursos do endividamento em depósito no Banco Central. Coisa de maluco.

Por outro lado, o Banco Central vai ao mercado e compra R\$850 bilhões desses títulos aos bancos, com promessa de revenda (operações comprometidas).

No total, o Governo deve aos bancos e ao mercado R\$2.735 milhões e o Banco Central detém em sua carteira R\$1.214 bilhões.

A dívida do Governo está chegando a 70% do PIB e sobre ela incidem juros anuais de 8% do PIB. Para rolar a dívida, o Governo está pagando juros nominais de cerca de 17%. A título de comparação, vê-se que nas cadernetas de poupança os rendimentos mal chegam a 8% anuais, praticamente empatando com a inflação. Rendimento real ZERO.

JOGO POLÍTICO – TROCANDO SEIS POR MEIA DÚZIA

Com o sentido de convencer a Presidente Dilma a mudar os rumos da atual política econômica, segundo o noticiário da imprensa, o ex-Presidente Lula estaria pressionando a troca do Ministro da Fazenda Joaquim Levy por

Henrique Meirelles, ex-Presidente do Banco Central.

As primeiras propostas de solução para a crise econômica já estavam prontas quando foram endossadas por Levy e pela Presidente Dilma, no início de 2015. Essas propostas não tiveram apoio político partidário e, empacaram no Congresso Nacional, agravando a crise econômica. Procura-se atribuir ao novo Ministro da Fazenda o agravamento da crise e o aprofundamento do clima de falta de confiança, em manobra equivocada e pré-fabricada, que tem tudo a ver com os preparativos para a sucessão da Presidente Dilma. A troca de Levy por Meirelles, ao que tudo indica, só se justifica como manobra para reforçar essa proposta política.

Joaquim Levy e Henrique Meirelles têm a mesma formação acadêmica e os mesmos vínculos com o sistema bancário: o Banco Bradesco em um caso e o Bank of Boston no outro. Portanto, a troca não faz sentido lógico. É uma jogada política oportunista, que configura uma “troca de seis por meia dúzia”.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

Os pedidos de recuperação judicial cresceram 41,4% de janeiro a outubro, o pior resultado desde 2006, com destaque para as micro e pequenas empresas. Também a inadimplência aumentou rapidamente: o número de pessoas com dívidas em atraso subiu de 2,4 milhões em dezembro/14 para 57 milhões em outubro deste ano (CNDL/SPC).

Agrava-se a crise hídrica no Estado do Rio de Janeiro, com assustadora seca em Angra dos Reis, Campos, Itaperuna, Três Rios, Niterói e Baixada Fluminense. Por outro lado, temos a calamidade do rompimento da barragem da Samarco, que está soterrando o Rio Doce, no Espírito Santo. A impatriótica greve na Petrobras e dos caminhoneiros está comprometendo o abastecimento. Calcula-se queda de 8,5% na produção da Petrobras.

O Boletim FOCUS estima que o PIB nacional pode encolher 5% em dois anos, 2015 e 2016. A CNC projeta queda de 3,6% em 2015.

Indústria

A produção industrial caiu 1,3% em setembro, acumulando no ano queda de 7,4%. Depois da queda de 20,1% até setembro, a produção automobilística caiu 30% em outubro, em relação a outubro/14. A produção de petróleo e gás caiu 6% em setembro sobre agosto.

Segundo o IBGE, a produção industrial caiu em dez das 14 regiões pesquisadas, com destaque para Bahia (-7,6%) e Rio de Janeiro (-6,6%). A venda de imóvel novo caiu 50% em São Paulo.

Do lado positivo, registra-se a maior produção de minério de ferro da Vale, no 3º trimestre, e a possibilidade de crescimento da indústria de transformação, em 2016.

Segundo a FGV, o índice de confiança da indústria avançou 2,3% em outubro.

Comércio

Pelo oitavo mês consecutivo, as vendas do varejo caíram 0,5% em setembro sobre agosto e -6,2% em relação a setembro/14, acumulando queda no ano de -3,3%.

Em outubro, o índice de confiança dos comerciantes chegou ao nível mais baixo desde 2003. Cerca de 150 mil lojas foram fechadas, de janeiro a agosto (CNC). Em São Paulo, o faturamento do varejo caiu 6,45%, de janeiro a outubro.

A CNC estima em 4% a queda das vendas do comércio em 2015.

Agricultura

Em outubro, as exportações do agronegócio somaram US\$7,77 bilhões e as importações US\$1,051 bilhão, com destaque para o complexo soja. Os embarques de milho chegaram a 5 milhões de toneladas em outubro, 7,6% acima de setembro e +44% do que outubro/14.

O clima favorece o plantio de soja em Mato Grosso, mas a queda nas vendas de máquinas agrícolas não dá sinal de recuperação.

O Presidente da SNA, Antonio Alvarenga, acredita que a produção agrícola vai continuar crescendo em 2016, mas o IBGE prevê safra menor, com queda de 1,5%. A produção deve cair de 210,6 milhões de toneladas para 206,5 milhões.

Mercado de Trabalho

Segundo o IBGE, a taxa de desemprego atingiu 7,6% em setembro, o pior resultado desde a crise de 2009. A CNI informa que o desemprego na indústria aumentou em 1,7% em setembro sobre agosto, acumulando no ano alta de 5,5%.

O Sindicon-SP estima que a construção civil vai perder 55,6 mil empregos em 2015. A Infraero planeja a demissão de 4 mil funcionários e a Usiminas planeja igual número de demissões.

Setor Financeiro

De janeiro a setembro, os recursos levantados pelas empresas brasileiras no mercado de capitais caiu 29,2% e a captação no mercado exterior caiu 77,6%.

A caderneta de poupança perdeu R\$3,26 bilhões em outubro, acumulando no ano perda de R\$57,1 bilhões. A inadimplência voltou a crescer em setembro, acumulando alta de 9,1% no ano.

Os desembolsos do Programa Minha Casa, Minha Vida caíram 21% em 2015, até setembro.

Inflação

A inflação de outubro superou todos os índices anteriores desde maio, abaixo apenas dos altos níveis do 1º trimestre. O IPCA/IBGE subiu 0,82%, chegando a 9,93% em 12 meses, mas as maiores altas ocorreram no atacado, com elevação de 1,76% no IGP-DI/FGV e 1,89% no IGP-M/FGV.

O indicador da CEAGESP subiu 5,3% em outubro, puxado pelo preço das hortaliças e verduras. Em 12 meses, os preços controlados pelo Governo subiram 17,5%.

O IPC-BR, calculado pelo IBRE/FGV, registra elevação de 10,01%, nos doze meses terminados em outubro. Os produtos hortícolas subiram 20,42%. As matérias primas agropecuárias sofreram o impacto da alta do dólar, que avançou 70% nos últimos 12 meses. O preço da soja cresceu 32,37% e o do trigo, 30,11%. A carne bovina, que tem mais de um terço da produção destinada ao mercado internacional, subiu 20,66%.

Setor Público

O Ministro Levy insiste na aprovação do Orçamento do Governo para 2016 com superávit primário de

0,7% do PIB, equivalente a R\$43,8 bilhões. Todo esse estardalhaço para economizar R\$43,8 bilhões para pagar R\$500 bilhões de juros(!?). De todos os modos foi uma vitória do Ministro Levy.

A Câmara dos Deputados aprovou o PL que regula a repatriação de recursos do exterior, com o qual o Governo espera arrecadar R\$11 bilhões.

Setor Externo

As exportações de setembro chegaram a US\$16,0 bilhões, acumulando no ano US\$160,5 bilhões (-16,4%) e importações de US\$14,1 bilhões, acumulando US\$148,3 bilhões (-23,5%). O saldo da balança comercial subiu a US\$12,2 bilhões. Em 2015, até outubro, a entrada de dólares supera a saída em US\$7,66 bilhões, contra US\$8,27 bilhões no ano passado.

Na área internacional, a economia dos Estados Unidos gerou 271 mil empregos em outubro, mantendo a taxa de desemprego em 5%. Entretanto, para complicar ainda mais a situação mundial, a Presidente do FED antecipou que os juros básicos poderão subir ainda este ano.

Na Europa, a taxa de desemprego na Inglaterra caiu para 5,3%, a menor em sete anos.

Na China, em outubro, a produção industrial avançou 5,6% e a inflação chegou a 11%. Em dólares, as exportações caíram 6,9% e as importações 18,8%.